

O papel das plantas na terapêutica dos idosos



Maria da Graça Campos
Coordenadora do Observatório de Interações Planta – Medicamento (OIPM/FFUC) & membro do *Drug Discovery Group* no Centro de Estudos Farmacêuticos, FFUC. Docente de Farmacognosia e responsável das unidades curriculares de Plantas Medicinais e de Fitoterapia no Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas. Membro da Comissão da Farmacopeia

Muitas são as pessoas que tomam plantas medicinais, por questões que nada têm a ver com a atividade terapêutica das mesmas, usando-as em infusões ao pequeno-almoço ou ao lanche, ou então usam-nas em preparados “dietéticos” que alegam ser benéficos para as principais patologias que afetam a população dos países mais desenvolvidos, como é caso, por exemplo, das doenças cardiovasculares, dislipidemias, diabetes e cancro.

Desde que, em 1990, o republicano Orrin Hatch e o democrata Tom Harkin, nos EUA, alteraram a lei dos suplementos dietéticos, incluindo no texto que definia estes produtos, “... vitaminas, minerais e proteínas”, as palavras “*herbs, or similar nutritional substances*”, que se abriu a porta a uma nova indústria (de que eles mesmos usufruem, ver vídeo *infacebook/oipm*).

Plantas medicinais, nem sempre validadas, passaram a ser incluídas nestes produtos e, de uma maneira discreta, “ou não”, induzem as pessoas a consumi-los para tratar algumas doenças, nomeadamente as que se citam no parágrafo anterior.

Isto veio trazer uma nova realidade que tem causado muitos danos aos doentes e, por consequência, um acréscimo de situações complicadas ao Sistema Nacional de Saúde.

Estes produtos são frequentemente consumidos em automedicação, com todos os riscos inerentes à mesma, acrescentando que ocorrem muitas vezes in-

terações entre eles e os medicamentos, quer sejam de uso crónico ou agudo.

As interações planta-medicamento seguem exatamente a mesma lógica das que já são sobejamente conhecidas, como fármaco-fármaco ou fármaco-alimento. Dos nossos resultados, a prevalência de “produtos naturais” é quase sempre sazonal e depende, muitas vezes, da publicidade que passa nos vários meios de comunicação social, em especial televisão e rádio. O doente idoso é um alvo muito fácil dado que é, provavelmente, o principal ouvinte destes dois *media*, nomeadamente durante o dia.

O OIPM/FFUC (www.oipm.uc.pt) tem, desde a sua criação, em abril de 2011, atendido centenas de situações que lhe chegam quer por profissionais de saúde, quer pela população em geral. As mais problemáticas envolvem os doentes oncológicos, que chegam de várias unidades de saúde, quer sejam hospitais públicos (exemplos: Hospital Pedro Hispano, Porto; IPOFG, EPE, Coimbra, com quem desenvolve um projeto de investigação nesta área), ou privados (exemplo: Fundação Champalimaud).

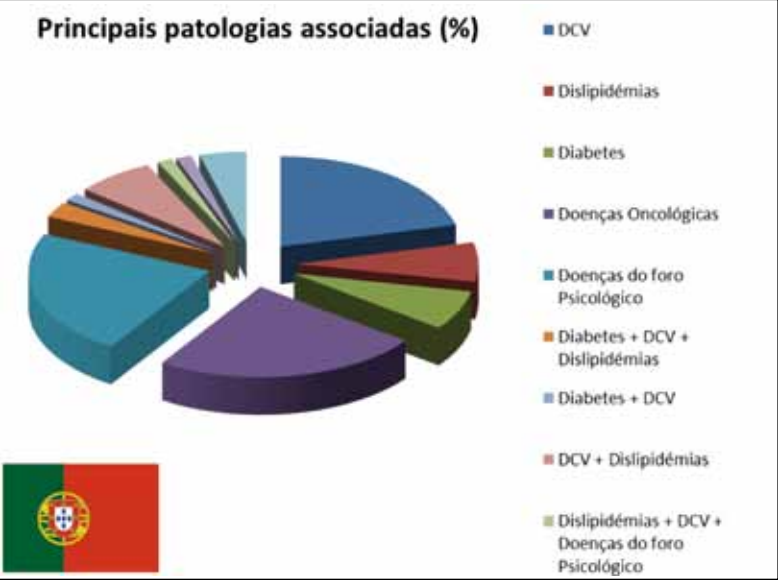


Figura 1 – Principais patologias associadas, de um total de 71 casos em que ocorreram interações (retirados dos 114 casos, analisados de 13/05/2013 a 31/07/2013, recebidos no OIPM/FFUC, Portugal)